

Das duas, uma

Para não dizerem que não falo de flores, quero, nestes dias turbulentos e aziagos, proclamar alto e em bom som, doa a quem doer, que estou de pleno acordo com o nosso presidente-candidato quando ele afirma: 1) que ser rico é chato; 2) que ele próprio é pobre.

O primeiro termo da proposição expressa uma verdade que contesta dialeticamente o darwinismo social, muito em particular nos dias de hoje. Ter dinheiro para quê, se nem os mais hábeis especuladores sabem onde e como aplicá-lo? O rico não consegue dormir em paz, quando nem mesmo pode confiar num investimento em bônus do Tesouro americano, que aliás rendem uns juros miseráveis. O reino deste mundo não lhe pertence mais, pois se transformou num pandemônio delirante. E aquela parábola de que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus não foi, ao que se saiba, revogada.

A afirmação de pobreza do presidente-candidato constitui, por outro lado, uma novidade revolucionária cujo sentido concreto não é, como de costume, compreendido pelos opositores sistemáticos. A vida de FH é um livro aberto: todos sabem quanto ganha por mês e os bens que possui. Ora, incorporando-se voluntariamente ao setor dos pobres ele enriquece a categoria e, com isso, abre novas perspectivas à combatida economia do país. Basta fazer a conta: a taxa de pobreza no Brasil, com esse novo critério, eleva-se de 35% a uns 95%, pelo menos – um dado altamente positivo. É só calcular o quanto vai subir a renda *per capita* no país para comprovar que já temos um importante indicador a nos abrir as portas do Primeiro Mundo. Só não vê isso quem não passa de um incurável neobobo.

O cidadão que ganha pouco não tem que reclamar do seu destino. Está agora incluído numa taxa de pobreza onde desfruta das melhores e mais interessantes companhias. Sobretudo deve levar em conta que escapa ao inferno de cuidados e preocupações que é a vida de rico.

Por falar em inferno, me vem à memória um caso antigo em que são personagens o romancista Graciliano Ramos e o humorista Aparício Torelli, mais conhecido como Barão de Itararé. Em consequência da repressão que se seguiu à Intentona Comunista de 1935, os dois se encontravam presos no Pavilhão dos Primários da Casa de Detenção, junto com um numeroso grupo de subversivos. Um dia, buscando infundir ânimo aos companheiros de cadeia, o Barão usou do alto-falante da Rádio Libertadora para expor a sua teoria das alternativas.

Esse texto filosófico, digno de figurar nas melhores antologias do otimismo, aparece nas Memórias do cárcere, de Graciliano Ramos. Enriqueço-o com uma reiteração que ouvi do próprio Itararé, aquela “das duas, uma” que se lerá a seguir:

Não havia o que temer, explicava o grande humorista aos demais presos. Que podia acontecer? Das duas, uma: ou seriam postos em liberdade ou continuariam presos. Se fossem soltos, muito bem, era o que desejavam. Se fossem processados, seriam absolvidos ou condenados. Se fossem absolvidos, muito bem. Se fossem condenados, das duas, uma: ou receberiam uma pena leve ou uma pena grande. Se lhes dessem uma pena leve, ótimo: descansariam algum tempo sustentados pelo governo e depois iriam para a rua. Se a pena fosse dura, seriam anistiados ou não. Se fossem anistiados, excelente: era como se não houvesse condenação. Se não fossem anistiados, das duas, uma: ou cumpririam sentença ou morreriam. Se cumprissem sentença, magnífico, voltariam para casa. Se morressem, das duas, uma: iriam para o céu ou para o inferno. Se fossem para o céu, ótimo: era a suprema aspiração de cada um. E se fossem para o inferno? Aí terminava a série de perguntas e respostas. Mas não era caso para ninguém se alarmar, pois a desgraça de ir para o inferno podia acontecer a qualquer pessoa, na Casa de Detenção ou fora dela – concluía o Barão de Itararé.

08 SET 1998

JORNAL DO BRASIL